



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

GABRIELA PERUCIO

O QUE É O AMOR? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

DO AMOR: UMA PROBLEMATIZAÇÃO NECESSÁRIA

ARIQUEMES-RO
2016

GABRIELA PERUCIO

**O QUE É O AMOR? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DO AMOR: UMA PROBLEMATIZAÇÃO NECESSÁRIA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Prof. Orientadora: Me. Carla Patrícia Rambo Matheus

Ariquemes - RO
2016

Gabriela Perucio

**O QUE É O AMOR? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DO AMOR: UMA PROBLEMATIZAÇÃO NECESSÁRIA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora. Orientadora Me Carla Patrícia Rambo
Matheus

Faculdade de Educação e Meio Ambiente-FAEMA

Professora. Me. Eliane Alves Almeida de Azevedo

Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Professora. Esp. Thays Dutra Chiaratto Veríssimo

Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Ariquemes, 18 de novembro de 2016.

Aos meus pais, que me mostram o exemplo vivo do amor.

À Carla, por me proporcionar experiências únicas, que comprovaram que o compartilhar ainda faz sentido. Ao amor, que ele possa ser vivido em sua plenitude.

AGRADECIMENTOS

Neste momento constato o quão difícil é encontrar as palavras que expressem o meu agradecimento a todos que de certo modo, nos momentos serenos e/ou apreensivos, fizeram ou ainda fazem parte de minha vida, que de alguma forma contribuíram para minha formação profissional e pessoal, peço a todos que se considerem envolvidos pelos meus agradecimentos independentemente de seus nomes constarem ou não neste espaço tão limitado.

Agradeço primeiramente a Deus, que me permitiu vivenciar as mais diversas experiências, desde as conquistas aos fracassos, mas sempre demonstrando o seu amor e a sua presença.

À minha terapeuta por me ajudar a vencer desafios, por me proporcionar descobertas, conquistas e mudanças. Por ser a facilitadora de um dos processos mais genuínos na minha vida, o de aceitar todas as complexidades como parte de mim, assim me ajudando, diariamente, neste processo de tornar-se pessoa. Além disso, por repassar seus conhecimentos diretamente e indiretamente, fazendo com que meu desenvolvimento fosse o melhor possível. Considero-me uma pessoa de sorte por ter encontrado uma profissional do gabarito como o seu.

À minha família, em especial aos meus pais, minhas primeiras referências de amor, dedicação e inspiração. Por sempre terem me proporcionado oportunidades, para que eu pudesse ter um futuro promissor. Primeiramente meu pai, que fez dele todos os esforços possíveis para dar continuidade a essa jornada, dando-me todo apoio e força para pleitear essa formação. Em segundo, minha querida mãe, por tantas vezes que abdicaste teus sonhos para realizar os meus e abriste mão das tuas vontades para realizar meus caprichos. Por todo apoio que sempre me deram, por sofrerem e sorrirem junto comigo durante a concretização deste trabalho.

Aos meus avós, Actedolina Gromann, Dirce de Sá Perucio e Roque Perucio, pelo carinho, atenção e apoio durante a concretização dessa jornada. Por serem exemplos vivos de amor e humildade, que me inspiram diariamente.

Ao meu avô Leopoldo Gromann (in memoriam), que infelizmente não pôde estar presente – em corpo – neste momento tão feliz da minha vida, mas que mesmo ausente sempre esteve presente nas minhas melhores lembranças. Não poderia

deixar de agradecê-lo por ter sido um grande exemplo de amor e companheirismo. Muito do que sou, devo a você, "vô". Sinto sua falta, saudades.

À minha orientadora, professora Carla Patrícia Rambo Matheus, pela solicitude em acolher mais uma orientanda em meio a tantos compromissos. Por sua delicadeza, paciência, inteligência, apoio e confiança, pelo seu exemplo vivo, e por seu valor ético de pessoa, que soube orientar e valorizar esta pesquisa. Mas acima de tudo, por respeitar o meu tempo, por enxergar meu potencial, por me valorizar enquanto pessoa, e, por me auxiliar neste processo de tornar-se pessoa, que é tão importante quanto o de tornar-se psicóloga.

Às professoras Eliane Alves Almeida Azevedo e Thays Dutra Chiaratto Verissimo, pelo carinho em acolher o convite para participar da banca examinadora.

A todos os professores que passaram por mim, desde a pré-escola até o ensino superior, por sempre me auxiliarem com destreza e delicadeza a chegar a esta etapa extraordinária da minha vida. Por conjugarem amor e dedicação a esse lindo e fundamental trabalho.

A todos os colegas de curso, em especial a Cátia dos Santos Zanotelli, Krislen Mendonça Piola e Wellington Dias Lima pelas contribuições oferecidas, mas acima de tudo pela força e pela amizade demonstrada ao longo dos últimos anos da minha formação acadêmica.

Às minhas amigas Daniela Cristina Miranda Lima e Tallita Beatriz Oliveira Zamarchi, pelo carinho, pela compreensão das minhas ausências, pela paciência, pelo apoio e pelo incentivo.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

Amar não é aceitar tudo.
Aliás: onde tudo é aceito,
desconfio que há falta de amor.
(Vladimir Maiakóvski)

RESUMO

O objetivo deste estudo foi problematizar e compreender o surgimento das representações sociais do amor no transcorrer da história da humanidade. Este é um ensaio teórico sobre o fenômeno do amor em relacionamentos amorosos. No que concerne a esta pesquisa bibliográfica no campo psicológico, foram abordadas, em maior profundidade, três linhas de pensamento da Psicologia, sendo elas a psicanálise, análise experimental do comportamento e a existencial humanista. Além destas linhas de pensamentos do campo psicológico, o estudo também buscou compreender o tema a partir da teoria das representações sociais, que explica as representações dos indivíduos em suas práticas sociais. Através dessas linhas de pensamento, com diferentes aspectos teóricos, empíricos e metodológicos, pôde-se observar que o amor é um fenômeno complexo, com diferentes representações, sempre de acordo com o meio em que o indivíduo que o vivencia está inserido. Compreendendo que os papéis nas relações e as representações do amor são determinados a partir da prática social de cada um. Esta pesquisa colocou em destaque a dialética que é estabelecida entre os sistemas cognitivos e sociais dos indivíduos, que foi destacado a partir das diferentes representações sociais de conteúdos que concernem o amor, que são construídas através das diferentes vivências dos indivíduos.

Palavras – Chave: Amor, Representações Sociais, Relações Afetivas, História do Amor.

ABSTRACT

The aim of this study was to discuss and understand the emergence of social representations of love in the course of human history. This is a theoretical essay on the phenomenon of love in romantic relationships. With regard to this literature in the psychological field, were discussed in greater depth, three lines of thought in psychology, which were psychoanalysis, experimental analysis of behavior and humanistic existential. In addition to these lines of thoughts psychological field, the study also sought to understand the issue from the theory of social representations, which explains the representations of individuals in their social practices. Through these lines of thought, with different theoretical, empirical and methodological aspects, it was observed that love is a complex phenomenon with different representations, always according to the environment in which the individual who experiences it is inserted. Understanding that the roles in relationships and representations of love are determined from the social practice of each. This research has highlighted the dialectic that is established between the cognitive and social systems of individuals, which was highlighted from different social representations of content that concern love, which are built through the different experiences of individuals.

Keywords: Love, Social Representations, Affective Relations, History of Love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS:	12
2.1 GERAL:.....	12
2.2 ESPECÍFICO:	12
METODOLOGIA:	13
4 REVISÃO DE LITERATURA	14
4.1 O VIÉS HISTÓRICO E AS DIVERSAS REPRESENTAÇÕES DO AMOR.....	14
4.1.1 Um Breve Percorso Histórico: Dos Primórdios à Contemporaneidade .	14
4.1.2. Psicanálise: alguns apontamentos sobre o amor	20
4.1.3. O amor na análise experimental do comportamento	23
4.1.4. Na via do amor, certo percurso na psicologia existencial humanista ..	25
4.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UMA PROBLEMÁTICA NECESSÁRIA?	29
4.1.2. O fenômeno das Representações Sociais	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	40

INTRODUÇÃO

Caro leitor e/ou cara leitora, o presente trabalho trata de amor, o título pode fazer com que pareça ser uma pesquisa com caráter romântico, porém, não é assim que ela deve ser vista. Determinadas vezes, os escritos aqui presentes, poderão ir contra princípios e idealizações de amor que foram construídos por meio de vivências, outras vezes, as palavras podem soar duras, justamente porque se trata de um trabalho científico, com um olhar crítico. No entanto, a pesquisadora garante que ele foi escrito com amor, por amor e por meio do amor, de forma que não viesse a perder a cientificidade.

Inicia-se este trabalho historiando, resumidamente, pelo percurso na escolha do tema proposto. Durante a formação acadêmica, nas relações pessoais e até mesmo nas intervenções com os clientes, a pesquisadora notou o quanto as relações amorosas se apresentam como essenciais para o crescimento pessoal dos indivíduos.

A proposta inicial deste estudo era entender os processos de visibilidade social de mulheres que amam mulheres, assim como, as dificuldades que estas mulheres encontram diariamente nos seus processos sociais, e, problematizar a invisibilidade que elas sofrem diariamente por uma sociedade cristalizada, machista e misógina. Porém, com o decorrer do penúltimo ano da faculdade, um acontecimento gerou um bloqueio em relação ao tema abordado até então, fazendo com que a pesquisadora mudasse o rumo da pesquisa.

O objeto definido para a pesquisa atual sempre gerou muito incômodo na pesquisadora, assim como assunto anterior. Nos últimos quatro anos, a mesma pôde vivenciar coisas que despertaram nela preocupações e o interesse em estudar ambos os temas, porque tornou-se visível o quanto a proposta do tema implica na identidade social de muitos sujeitos. Ao tentar distanciar-se de um ponto que provocava sentimentos diversos e intensos, ela acabou por se deparar com um objeto de estudo semelhante, que abarcava os mesmos sentimentos, e principalmente, o amor.

A pesquisa aqui apresentada tem por temática “As representações sociais acerca do amor: problematizações necessárias”, que visam problematizar o

surgimento das novas representações sociais do amor e os estigmas construídos acerca dessas novas representações, buscando também compreender as representações sociais de amor no transcorrer da história da humanidade. O tema abordado tem um caráter amplo, intrigante, questionador e, por que não dizer desafiador? No entanto, são estas características que fascinam a pesquisadora em questão e que despertou o desejo de ter algumas respostas para questionamentos como, o que é o amor? Ou, o que as pessoas buscam nos relacionamentos? Dessa inquietude, entender as representações sociais do amor na contemporaneidade, e, como os indivíduos têm modificado suas concepções ao longo dos anos, gerando as novas representações sociais acerca do amor.

No livro, “Amor Líquido, Sobre a fragilidade dos laços humanos”, o sociólogo Bauman (2004) faz apontamentos sobre a modernidade líquida em que vivemos, onde apresenta uma misteriosa fragilidade nos laços humanos, ou seja, um amor líquido. Nesse sentido, os indivíduos, frente aos seus desejos e sentimentos conflitantes, buscam apertar os laços afetivos e ao mesmo tempo mantê-los frouxos. Fato que na modernidade líquida ocorre repetidamente, justamente pela facilidade que estes sujeitos encontram em desfazer esses laços sem delongas.

Ainda de acordo com o autor supracitado, esses sentimentos conflitantes são frequentes nos relacionamentos atuais, e essa insegurança faz com que as pessoas não consigam manter vínculos amorosos em longo prazo. Enfatiza também que, as novas configurações de amor estão sendo tratadas como mercadorias e que o amor em si está sendo esquecido.

Nestas circunstâncias, o estudo parte das representações sociais do amor, num contexto histórico. Esta pesquisa se faz necessária, para a melhor compreensão de alguns fatores relevantes, como os estigmas que foram e ainda são construídos em torno do amor. Sendo assim, a pesquisa será baseada na Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici, que busca diferentes significados sobre um determinado assunto, nas práticas cotidianas de um grupo.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL:

- Problematizar o surgimento das representações sociais do amor no transcorrer da história da humanidade.

2.2 ESPECÍFICO:

- Entender as concepções do amor e as representações sociais em um viés histórico;
- Discutir os estigmas construídos acerca das novas representações sociais;
- Compreender as representações sociais do amor através das relações afetivas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de uma revisão de literatura, que visa aprofundar o conhecimento sobre as representações sociais acerca do amor na história. Segundo Gil (2005), esta pesquisa utiliza-se de materiais que já foram elaborados por terceiros e que se relacionam com o tema proposto.

Autores como, Marconi e Lakatos (2003) contribuem ao trazer que, a revisão bibliográfica, ou, revisão de literatura, é uma análise crítica, cautelosa e ampla das publicações que abordam uma determinada área do conhecimento. Mencionam ainda que este tipo de pesquisa pretende colocar o pesquisador em contato direto com o objeto de pesquisa e com o que foi escrito sobre o assunto.

Seguindo a lógica de raciocínio dos mesmos, a pesquisa bibliográfica não é uma repetição do que já foi dito ou escrito sobre o assunto pesquisado, mas uma análise do tema com um olhar particular do pesquisador, com uma nova abordagem, podendo chegar a diferentes conclusões sobre o mesmo tema.

Nesta pesquisa serão utilizados materiais da Scielo, Pepsic, acervos indicados ao tema, livros disponibilizados por terceiros para o auxílio na coleta de dados, bem como o acervo da Biblioteca Júlio Bordignon a partir dos seguintes descritores: amor; representações sociais; relacionamentos afetivos; novas configurações afetivas.

O critério de inclusão incidiu sobre referências que fazem menção ao amor e as representações sociais dele, bem como todas as configurações de relacionamentos amorosos, quaisquer outros artigos que não se encaixassem nos requisitos já citados, foram excluídos.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 O VIÉS HISTÓRICO E AS DIVERSAS REPRESENTAÇÕES DO AMOR

Este primeiro capítulo será dedicado a circunscrever alguns tímidos apontamentos acerca do amor, apontamentos estes que levem a uma melhor compreensão das novas representações sociais acerca do amor através da história. Para um melhor entendimento, considera-se importante a contribuição das obras de alguns autores como: Aquino (2012), Bauman (2004), Souza (2007), Pretto, Maheirie e Tonelli (2009), Paz (2009), Albertini (2010), Frankl (1987), Filho (2011), Schlösser, Dalfovo e Delvan (2012), Fernandes (2002) e outros. É, portanto, a partir dos subsídios destes autores, que surge a proposta para uma curta viagem às raízes do amor, para que então, se torne possível discutir sobre as novas configurações de relacionamentos afetivos.

4.1.1 Um Breve Percorso Histórico: Dos Primórdios à Contemporaneidade

O amor é uma força, uma energia,
que se manifesta na alma
como um sentimento de lembrança
de algo que a alma já teve,
mas perdeu.
(Platão)

De acordo com Aquino (2012) em menção a Platão (1991), aponta que na história antiga da mitologia grega, o amor era tido como de caráter sexual que ultrapassava a existência humana e adquiria um caráter sagrado. Os gregos acreditavam que existiam três gêneros: o masculino, o feminino e o andrógeno. Nos primórdios dos tempos, estes seres tinham quatro mãos e quatro pés, mas apenas um cérebro. Ao tentarem atacar o Olimpo, Zeus castigou estes seres, cortando-os ao meio, deixando-os fracos, numerosos e sempre em busca de seu par, quando as duas metades se encontravam, não se largavam por medo de se perderem novamente. Essa é uma primeira menção da necessidade de o ser humano buscar

complementação no outro, entendendo-se que essa união apenas ocorreria por mediação da força do amor.

De acordo com Bauman (2004) e ainda seguindo a concepção filosófica de “O Banquete de Platão”, a profetisa Diotima de Mantineia ressaltou que o amor não é direcionado ao belo, mas dirige-se à geração e nascimento do belo. Amar é querer gerar e procriar, e assim o amante busca e se ocupa em encontrar a coisa bela na qual possa gerar. De outro modo, o amor não anseia por coisas prontas e concluídas, mas encontra estímulos e significados na composição dessas coisas. O amor é consequência.

Trazendo um pouco da história do amor no cristianismo, Souza (2007) faz referência a Branden (1998), apontando em seu estudo alguns aspectos do amor neste período histórico, onde as mulheres eram vistas como totalmente dependentes dos homens e deviam servi-los. No final da Idade Média surge uma incompatibilidade com relação à mulher. Em uma direção estava o símbolo de Eva, que representava o desejo sexual. Por outro lado, estava Virgem Maria, o símbolo de castidade, virgindade e integridade. A partir destes dois símbolos o cristianismo apresentou o amor em duas partes, sendo corpo e alma, logo, para que o relacionamento amoroso pudesse viver plenamente, fazia-se necessário que houvesse o desejo e a admiração, bem como, os valores físicos e espirituais.

Esta concepção também é registrada no caderno temático “Psicologia e Diversidade Sexual”, do Conselho Regional de Psicologia – CRP – onde Filho (2011), no artigo “Homofobia e sua relação com as práticas ‘psi’”, aponta essa dependência das mulheres sobre os homens. Neste estudo ele descreve que a Era Clássica foi marcada pela desigualdade que havia entre os sexos. Na hierarquia da época, as mulheres ocupavam apenas três lugares, as de procriadoras, prostitutas e sacerdotisas. O sexo feminino não tinha nenhuma outra forma de inserção social. Por outro lado, os homens eram vistos como heróis, detentores do poder, da força, da liberdade e da beleza.

Seguindo ainda com a ideia do autor supracitado, práticas homoeróticas masculinas eram permitidas em casos específicos, por serem vistas como de caráter educacional, como uma forma de treinamento militar e de iniciação dos jovens meninos à cidadania, através dessas práticas os homens mais velhos ensinavam os mais novos a forma correta de se portar na sociedade. Nas práticas homoeróticas masculinas, os homens aprendiam sobre caça e relações sexuais. Entretanto, as

práticas homoeróticas femininas eram permitidas como uma forma de preparo das mulheres ao casamento, onde elas aprendiam a se relacionar, afetivamente e sexualmente, para satisfazer seus parceiros. Filho (2011) assinala mais à frente que, na Idade Média, o cristianismo se torna oficial e passa a desaprovar os atos homossexuais masculinos e femininos, chegando a condená-los à pena de morte.

Neste aspecto, Pretto, Maheirie e Tonelli (2009), trazem que na história, as mulheres parecem ter sido criadas para serem domesticadas, para pertencerem aos homens, para servi-los e agradá-los. Desde cedo ensinam que a mulher não é capaz de viver sem o homem, ou até mesmo, sozinha, porque precisam de proteção, por serem vistas como frágeis e delicadas demais.

Esta desigualdade e dicotomia entre os gêneros são descritas na Bíblia – livro Sagrado – em diferentes momentos. Através de Gênesis 2, é possível analisar que a mulher não estava nos planos de Deus, e que ela teria sido criada para ajudar o homem, que sozinho não conseguia completar suas obrigações. Assim como explicito no versículo 18: “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele”. (GN 2.18). Neste sentido, a mulher teria sido criada para ajudar o homem.

Logo em seguida, em Gênesis 3, a mulher é tentada pela serpente, vindo a comer o fruto que Deus havia proibido, sendo ela a culpada por ter oferecido ao homem, como também pelo fato dele ter aceitado comer, como apontado no versículo 6: “E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. (GN 3.6). A partir disto a mulher passa a ser a culpada por todos os males da humanidade.

É importante observar que o homem também desrespeita ao mandamento de Deus, mas a bíblia assinala como se ele tivesse caído na tentação da mulher, que o convenceu a obedecer-lhe, como referido nos versículos 11-12: “E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. (GN 3.11-12). Neste sentido, a mulher parece ter desestabilizado a criação de Deus, rompendo com os mandamentos estabelecidos.

Como pode ser visto acima, a desigualdade entre homens e mulheres é evidenciado no livro Sagrado, independente das suas diversas traduções. Até mesmo

hoje, na contemporaneidade, Ele é utilizado para apoiar e sustentar a desigualdade entre os sexos.

A esse respeito Pretto, Maheirie e Tonelli (2009) destacam em seu estudo que o amor, evidenciado no cristianismo, faz uma negação da totalidade do ser humano, buscando no outro um ideal absoluto. O amor é visto como um sentimento incondicional, que tudo deve suportar e relevar. Está associado ao sacrifício, há abdicação e dedicação ao outro indivíduo.

Os apontamentos destes autores ficam claros a partir de 1 Coríntios, capítulo 13, versículos 4 a 10, onde neste ocasião Jesus instruiu os seus discípulos com a seguinte recomendação: “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá”. (1CO 13.4-10). Neste sentido o amor é mencionado como uma obra, permeada de instruções.

Mas por que trazer um livro não científico – a Bíblia Sagrada – para tratar de ciência? Este questionamento é pertinente quando se afasta da premissa da cientificidade para dar consistência às discussões acerca da temática proposta nesta pesquisa. Nota-se que as discussões acerca do amor estão enraizadas em discursos normativos, pautados em dispositivos de controle, que fazem emergir a ideia de que o amor reúne todas as qualidades e não possui defeito algum.

No entanto, a palavra, no sentido literal, quando se desprende, quase sempre deixa de pertencer a quem disse, tornando-se domínio de quem a lê, passando a produzir diferentes interpretações. Em outras palavras, cada indivíduo é ímpar em suas formas de pensar e expor, gerando interpretações diferenciadas de situações, e/ou escritos como a bíblia. Analisando por esse prisma surge um questionamento cabível, será que existe uma receita para o amor? Um exemplo único e correto a ser seguido? Ou será que o amor é apenas um sentimento que deve ser sentido em sua plenitude?

A intenção de reportar a concepção de amor para o livro Sagrado é tornar claro que este sentimento – o amor – para muitos, só considerado fidedigno se não guardar rancor, se vier a suportar tudo e a crer em tudo. Caso contrário não seria amor, porque

o amor não é egoísta. Em outras palavras, trazer a concepção do amor bíblico torna mais compreensível que este sentimento ainda é visto, por muitos, como algo que possui receita para dar certo.

Ao citar a concepção da bíblia, torna-se evidente que desde o surgimento da igreja na idade média, esta instituição passou a ocupar uma posição de ferramenta de controle, adotando uma postura rigorosa na tentativa de controlar e determinar o que o outro sente. Com isto, espalhando a ideia de que as pessoas, por serem amadas por Deus, devem amar seus próximos, visão que se torna comum à maioria das pessoas.

Neste momento recorre-se a Guareschi (2013) para dar sustentabilidade aos apontamentos acima através da ideologia e conseqüentemente a alienação gerada. Para o autor, a ideologia é importante para que os indivíduos tenham seus comportamentos alicerçados pela lógica social, ou seja, cada vez mais as pessoas estão se sustentando em uma comunicação verbal e simbólica perpassada por meio de instituições que norteiam modos de existir.

No entanto, para o autor, esta ideologia pode ser tanto positiva quanto negativa. No sentido positivo, a ideologia é entendida como um conjunto de valores, ideias e ideais, que dizem respeito à filosofia de determinada pessoa ou grupo. No sentido negativo, a ideologia é entendida como a constituição de ideias distorcidas, enganadoras e mistificadoras, de forma que venham a enganar as pessoas ou grupos, sustentando uma relação de dominação. E é neste aspecto que muitas instituições sociais¹ utilizam a ideologia, como forma de conduzir, ou melhor, alienar pessoas em direção aos pensamentos concebidos como certos e indissociáveis.

Esta proposição acima pode ser exemplificada através da religião, onde esta vem a ocupar a posição de instituição mais alienante da sociedade, como aponta Guareschi (2013). Por meio dela muitos indivíduos são construídos através de ideologias que são sustentadas por valores e ideias, repassando os de forma positiva ou negativa. Por esta razão, faz-se importante retratar e discutir a concepção do amor bíblico, para que assim ele possa ser uma forma positiva e não negativa de construção do existir.

A partir destas evidências, buscou-se anteriormente, reportar a história do amor, na pretensão de melhor compreender a construção do mesmo, com isto, foi

¹As principais instituições sociais, determinantes para a construção ideológica dos sujeitos são: A Igreja, a Família, o Estado, as Instituições Econômicas e as Instituições Educacionais.

possível perceber que há escritos que não apresentam cientificidade para responder a uma pesquisa científica. Talvez porque o amor não tenha sido alvo de pesquisa, ou até por que não seja valorizado enquanto comportamento humano ou sentimento que seja interessante para pesquisas, ou ainda mesmo porque falar através do amor, de amor e com amor, muitas vezes acaba sendo interpretado por um viés romântico. No entanto, com advento da ciência psicológica este que não era alvo de interesse passa a receber atenção e ser discutido no campo da saúde e do comportamento humano.

A partir do que foi exposto sobre o amor dos primórdios ao cristianismo, foi possível tornar evidente alguns aspectos acerca da história deste sentimento imensurável. Nesta ocasião, a pesquisa embarcará no caminho da psicologia, da ciência. A palavra Psicologia vem do latim *psychologia*, segundo o dicionário Aurélio (2010) *psyche* significa mente e *logia* significa estudo de, ou seja, o estudo da mente.

Feldman (2015) aponta que o método científico é considerado uma abordagem no campo psicológico, utilizado para adquirir informações sobre determinados comportamentos ou fenômenos que sejam de interesse. Neste sentido a psicologia enquanto campo científico engendrou os estudos sobre amor, e foi por meio dela que a ciência lançou cientificidade para o imensurável – o amor – que despertou a discussão de teóricos representativos da psicanálise, análise experimental do comportamento e da psicologia existencial humanista.

Após trazer a forma como estas três linhas de pensamento aqui expostas, trazem o amor, continua-se o pensamento acerca do amor em uma visão das representações sociais. Como ponto de partida para falar deste enigma que é o amor, a pesquisa adentrará na teoria Freudiana, que possui diversas linhas de pensamento que destacam este sentimento infinito.

4.1.2. Psicanálise: Alguns apontamentos sobre o amor

Frequentemente sentimos que nos falta muita coisa e parece que quase sempre um outro possui exatamente aquilo que nos falta, atribuímos-lhe tudo o que temos, até mesmo uma certa satisfação ideal. E assim criamos a felicidade perfeita, uma invenção nossa.
(Goethe Werther)

Nesta categoria pretende-se apresentar alguns apontamentos de Sigmund Freud, o pai da psicanálise, grande desbravador do amor no campo psicológico, assim como de outros autores dentro da psicanálise. Ferrari (2009) faz menção de Freud em seu estudo, trazendo os textos sobre “As Contribuições à Psicologia do Amor” (1910/1970; 1912/1970; 1918/1970), onde este teórico atribui ao amor uma fonte valiosa para os vínculos humanos, para ele este caminho é permeado de experiências difíceis. Afirma ainda que, a escolha do objeto amado acontece de forma inconsciente e repetitiva.

Neste sentido, em análise a teoria Freudiana destinada ao amor, foi possível encontrar uma pesquisa realizada por Beatriz Coelho Paz (2009) – a qual este estudo irá recorrer inúmeras vezes durante seu desenvolvimento – mais especificamente em seu estudo “Freud e o Amor: do ideal ao impossível - Um diálogo entre Psicanálise e Romantismo”, onde são encontradas as primeiras conjecturas de Freud acerca do amor. Neste estudo há diversos apontamento de Freud acerca do fenômeno amoroso, e que é possível ser encontrado em muitas de suas obras. Em um dos apontamentos, Freud traz esse sentimento como algo que serve para envaidecer o ego, e que por meio deste, o indivíduo busca encontrar o que lhe falta no outro, para que aquele amor se torne ideal. Por essa perspectiva, as pessoas se esforçariam para atingir o objeto amado, como sendo sua felicidade, mesmo sem antes ter vivenciado qualquer momento com este indivíduo.

Seguindo por esse enfoque, para dar mais subsídios a este subcapítulo, foi possível encontrar também outro estudo realizado por Fernandes (2002), que discorre de forma mais profunda sobre a fase narcísica. Esta autora esclarece que a fase narcísica é um estágio em que o indivíduo investe sua libido no ego. Neste sentido o primeiro objeto de amor para a criança é o objeto natural que lhe é apresentado ao nascer – o seio materno – e suas pulsões nesta fase estão ligadas à autoconservação, onde a criança procura por cuidados e alimentação. Fazendo menção a Laplanche e

Pontalis, a autora explana que a autoconservação foi definida por eles como sendo um caso de amor por si mesmo.

Outro fato que precisa ser mencionado e esclarecido, é que há uma diferenciação entre as relações narcísicas de autoconservação e de autoerotismo, que esta mesma autora explica mais à frente. Fernandes (2002) descreve que em um determinado momento da vida da criança o objeto natural que a sustentava lhe é tirado. Neste momento a criança se entrega às fantasias. Antes as pulsões tinham um objeto total – o seio – o qual o indivíduo via como parte de si, e, para satisfação do seu próprio corpo. Entretanto, com o distanciamento dos dois, o indivíduo passa a procurar a satisfação em objetos exteriores. Esta concepção em torno do autoerotismo, narcisismo e escolha objetal, é considerada a primeira referência amorosa nas obras Freudianas.

Desse modo, Paz (2009) relembra que Freud se refere ao amor como um afeto que se direciona a um reencontro com a felicidade, que um dia se perdeu. Nesta teoria esse evento é nomeado como “verdadeiro amor feliz” ou “narcisismo primário”, isto é, o indivíduo busca no objeto amado um ideal narcísico. Seguindo por essa afirmação de Freud, a autora faz sua contribuição dizendo que o amar e ser amado seriam um encontro com a própria felicidade.

Há um episódio importante que vale ressaltar neste capítulo, trazido na pesquisa de Paz (2009), que são os estudos de casos clínicos de histeria que Freud realizou com diferentes pacientes, como: Elizabeth, Lucy e Dora. Esta autora afirma que a partir destas análises, este grande teórico pode observar uma característica comum nos casos de histeria, que seria a busca insaciável pelo amor. Segundo ela, essa ânsia de amor é equivalente a uma ânsia sexual, decorrente de um amadurecimento precoce do indivíduo, em outras palavras, essa insaciabilidade amorosa está ligada ao amadurecimento sexual precoce. Por conseguinte, ela observou nas primeiras referências clínicas Freudianas que não há distinção entre amor e pulsão sexual, porque ambos se articulam como insaciabilidade amorosa no campo da neurose, de tal modo aponta a frustração amorosa como uma desencadeadora da neurose.

Para uma melhor compreensão desta visão de amor para Freud, relembre da concepção filosófica de Platão, mencionada no capítulo anterior, mais especificamente ao discurso de um mito antigo. Este mito traz que na antiguidade os seres possuíam quatro braços, quatro pernas, mas apenas um cérebro. Como castigo

estes foram divididos ao meio pelos deuses, tornando-se dois. Após essa divisão, estes seres buscavam insaciavelmente encontrar a sua metade perdida para tornar-se um só. Na visão de Freud, o amor baseia-se nessa busca do objeto ideal, que complete, na tentativa de reviver a felicidade vivida na fase narcísica primária, onde há a primeira referência amorosa do indivíduo, assim como explicita Paz (2009).

Através dessas explicações realizadas por meio da pesquisa de Paz (2009) e Fernandes (2002), foi possível circunscrever timidamente a visão de Freud sobre o amor. De tal forma, foi possível identificar que o conceito de amor para Freud é marcado por conflitos, que estão ligados a aspectos do ego e do ideal narcísico, e em outros momentos ligado à pulsão, como afirma Schlösser, Dalfovo e Delvan (2012), em “Um estudo sobre o amor: Diálogos entre Sigmund Freud e Erich Fromm”.

Estes autores descrevem ainda que, o amor na visão de Fromm implica em cuidado, se há ausência de cuidado, o amor não pode ser sincero, já que a primeira relação de amor que o indivíduo tem – com a mãe – envolve cuidado e preocupação. Estes apontamentos que remetem as características do amor materno deixam claro que no primeiro momento de vida, a criança tem o cuidado da mãe, de forma que ela irá suprir suas necessidades. Segundo os autores citados acima, Fromm teria nomeado esse primeiro contato de amor como “amor pela vida”, porque neste momento da vida o indivíduo precisa da ajuda e do afeto de caráter altruísta que a mãe disponibiliza para ele.

Neste sentido, Schlösser, Dalfovo e Delvan (2012), apontam a discordância de ideias que há entre Freud e Fromm, retratando que Freud conceitua o amor como narcísico, onde o indivíduo vem a manifestar sua libido. Por outra direção, Fromm conceitua o amor como uma virtude, sendo por meio dele que o indivíduo demonstra sua moral e suas qualidades.

E assim, todos estes autores citados pontuam que o amor é essa busca insaciável por uma metade perfeita, na tentativa de resgatar outro amor vivido na fase narcísica primária. Nesta fase o indivíduo vive a primeira forma de amor, o amor materno. Este primeiro contato com o amor ensina um amor perfeito, duradouro e companheiro. Nota-se que os indivíduos precisam dessa complementação vivida no primeiro momento de sua vida. Parece ser peculiar, mas no sentido psicanalítico, todos os seres humanos vivem em busca desse amor, e pode-se dizer que suas frustrações estão ligadas ao fato de não alcançar esse objeto ideal.

No âmbito da psicanálise, foi possível compreender que o amor é observado como um sentimento que busca de forma inalcançável um objeto ideal. Seguindo um sentido cronológico, a pesquisa agora seguirá para o âmbito da análise experimental do comportamento. Dentre tantos teóricos dessa teoria, destaca-se aqui, Frederic Skinner. Este teórico foi quem conduziu os trabalhos em torno da análise experimental do comportamento, sendo ele o proponente do Behaviorismo Radical.

4.1.3. O amor na análise experimental do comportamento

O que é o amor se não outro nome para reforçamento positivo?
(Frederic Skinner)

No que concerne a esta linha de pensamento, pode ser encontrado o texto “O lugar do sentimento na análise do comportamento”, de Skinner (1991), traduzido por Guilhardi e Queiroz em 2013, ao qual a pesquisadora irá recorrer diversas vezes neste subcapítulo, sendo que ele se encontra também como base para os demais materiais encontrados. Em outras palavras, outros autores se utilizam deste escrito para subsidiar seus estudos.

Segundo Skinner (1991), o sentimento é uma ação sensorial, assim como o ver e o ouvir, ou seja, o que uma pessoa sente é privado, está fora do alcance de uma segunda pessoa. Por esse caminho, este teórico afirma que os comportamentos são aprendidos, as pessoas são ensinadas a descrever o que sentem, pensam e até mesmo o que fazem. Em um exemplo por ele mencionado: pode-se ensinar uma criança a nomear um objeto apontando para ele, mas não se pode ensiná-la a nomear uma dor apontando para ela, porque o que ela sente é um estímulo privado. Entretanto, pode-se perguntar a ela se dói e ela poderá responder de forma pública.

Para uma melhor compreensão do que será retratado mais à frente, cabe aqui uma breve descrição do que são eventos privados e públicos para esta linha de pensamento psicológico. No livro, “Compreender o Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução”, Baum (2006), explica que os eventos públicos são eventos que podem ser descritos por mais de uma pessoa. No livro encontra-se como exemplo um temporal, como sendo um evento público que pode ser descrito por mais de uma pessoa, porque todos podem vê-lo e senti-lo. Não se deve esquecer que o temporal

continua sendo um evento público mesmo que uma pessoa não o veja, porque esta pessoa ainda poderia vê-lo e comentá-lo caso estivesse por perto.

Os eventos privados, de outro modo, ainda seguindo com a concepção de Baum (2006), são descritos como sendo sentimentos, sensações e pensamentos, só uma pessoa pode retratar sobre eles, mesmo que os outros estejam presentes. Tendo como o mesmo exemplo, o temporal, pode ser descrito por um indivíduo, mas outra pessoa não pode dizer o que este indivíduo sentiu ou pensou em relação a este evento público, porque seus pensamentos e sentimentos são privados.

Outra característica importante, a respeito dos eventos privados e públicos, descrito por Skinner (1991), é que raramente estes eventos vêm a concordar um com o outro. O mesmo assegura que por essa razão, quando se trata de sentimentos e estados da mente, há discordâncias e não existe uma ciência única e aceitável, porque sentimentos são condições corporais privadas, mas os efeitos privados podem ser descritos. Por exemplo, um indivíduo pode dizer que sente prazer, ou, que sente dor, quando o perguntam de forma pública sobre seus eventos privados. Porém, suas respostas quanto a este evento também podem ser descritas sem o acompanhamento público, por exemplo, quando esta pessoa vier a correr com uma perna machucada e por consequência sentir dor, passará a correr mancando. O que este indivíduo sente é um estímulo privado, o qual ele responde manquejando.

Quando se trata de amor, Skinner (1991) afirma que este sentimento é um reforçador de comportamento. No texto é retratado que para um Behaviorista dizer “Eu te amo” significa “Você me reforça”, mas logo em seguida surge certa discordância de Skinner dizendo que, neste caso, o reforçado é o comportamento e não a pessoa, logo, para um bom comportamentalista, o certo seria dizer “Você reforça meu comportamento”. Para ele, o que é fortalecido ao ser reforçado é o comportamento, porque é ele quem se comporta. Sendo assim, o amor é um reforçamento recíproco que funciona como um sistema de gratificações, por exemplo: quando um indivíduo diz para outro “eu te amo”, esta singela frase o reforçará a manter o comportamento apresentado até então.

A esse respeito, Carvalho (1999), complementa que o comportamento é uma forma de interação do indivíduo com o ambiente, através dos comportamentos reforçados, este indivíduo responderá aos seus acontecimentos mentais.

Até o momento sabe-se que o amor é um reforçador de comportamento, levando isto em consideração, cabe aqui um questionamento, por que as pessoas

sofrem por amor? Segundo Baum (2006), o reforço positivo tende a fortalecer ou manter um comportamento. Contudo, quando esse comportamento entra em extinção, o indivíduo que se comporta vem a sofrer. Moreira e Medeiros (2007) contribuem ao afirmar que o processo de extinção é a suspensão do reforço, que diminui a frequência de determinados comportamentos que até então eram reforçados.

Carvalho (1999) apresenta que as críticas de Skinner quanto aos sentimentos, estão relacionadas ao fato de que as explicações acerca dos sentimentos e sensações podem acalmar curiosidades, mas não podem explicar de forma exata, porque cada um sente e reage de maneiras diferentes aos reforços e estímulos privados. Sendo assim, pode-se dizer que cada indivíduo traz em si uma particularidade, todos os indivíduos são ímpares em suas formas de sentir, pensar e expor, logo, cada um traz em si uma expressão diferenciada, que segundo Skinner, não pode ser explicada pela ciência de forma exata.

No que diz respeito a este subcapítulo, tornou-se possível observar que a análise experimental do comportamento descreve os sentimentos como comportamentos apreendidos e que são reforçados durante a vida do indivíduo, em outras palavras, o amor, na análise do comportamento, é comportar-se, a maneira como este indivíduo se comportará, irá de acordo com o que será reforçado. Dessa maneira, agora a pesquisa tomará o caminho da psicologia existencial humanista, a terceira grande escola da psicologia, onde o trabalho terá continuidade, com outra visão, ainda no que diz respeito ao amor no campo psicológico.

4.1.4. Na via do amor, certo percurso na psicologia existencial humanista

O amor é a meta mais elevada e essencial
que o homem pode desejar.
A plenitude da vida humana é o amor
e a realização por meio dele.
(Viktor Frankl)

Dentre tantos teóricos e autores da psicologia existencial humanista, destaca-se neste subcapítulo, o psiquiatra e neurologista vienense Viktor Frankl, criador de um sistema teórico conhecido como análise existencial, ou, mais conhecido como logoterapia. No estudo “O amor entre jovens em tempos de ficar: Correlatos Existenciais e Demográficos”, os autores Aquino et. al. (2012), afirmam, com base nos estudos de Frankl que, a linha de pensamento existencial humanista busca ultrapassar os pensamentos reducionistas presente em muitos discursos dos profissionais da área da psicologia. Os mesmos ainda assinalam que o termo “*logos*” é uma palavra grega, que significa sentido. Sendo assim, a logoterapia, se concentra na busca do indivíduo por um sentido em sua existência.

Discorrendo no que diz respeito à logoterapia, Aquino et. al. (2012), aponta em sua pesquisa que essa linha de pensamento ficou conhecida como a terceira escola vienense de psicoterapia. Ainda corroboram ao descrever que, a psicanálise de Sigmund Freud foi a primeira escola, e a psicologia individual de Alfred Adler, a segunda escola.

Ainda de acordo com os autores supracitados, os mesmos relembram que Viktor Frankl traz o homem em sua obra “Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração” como um indivíduo que deseja encontrar sentido para a vida, e que essa busca contínua por sentido pode levar o homem a adoecer psiquicamente, caso essa busca seja frustrada.

Segundo com a reflexão de Albertini (2010), a propositura Frankliana traz que a busca do indivíduo vai além das necessidades básicas. É característica não abdicável do indivíduo, ser livre e responsável. Frankl (1987) assegura que o sentimento de falta de sentido demonstra a humanidade da pessoa, e que não pode ser visto como uma questão patológica. Entretanto, apesar de não ser causada por nada patológico, a falta de sentido pode desencadear uma reação patológica. Neste momento, pense na busca incessante dos indivíduos por amor, de querer relacionar-se intimamente com outro, e de colocar como meta mais elevada da vida, o amor.

Na visão de Frankl (1987), este enfatiza que o sentimento de vazio existencial pode levar o indivíduo a ter reações patológicas, também evidencia a depressão, a agressão e a dependência de drogas como sendo consequência de um sentimento de vacuidade e de falta de sentido. Em outras palavras, essa busca constante de sentido no outro, pode levar um indivíduo a ter uma frustração, gerando um vazio, o qual ele busca preencher com alternativas.

É justamente o que Aquino et. al. (2012) aponta em seu estudo, o fenômeno amoroso como um sentimento que está fortemente relacionado com o sentido da vida, porque por meio dele, o indivíduo se relaciona com outro ser humano no seu íntimo. Por esta razão os indivíduos buscam continuamente relacionarem-se uns com os outros. Este relacionar-se não está ligado somente à camada superficial da relação – o sexo – o relacionar-se neste sentido se apresenta de forma mais intensa – amor propriamente dito – que se refere à dimensão psíquica, induzindo o indivíduo a pensar que a pessoa amada é única, insubstituível e causadora da felicidade plena.

Neste momento, cabe observar a visão de outro autor do enfoque existencial humanista, Rogers. Em 1972, Carl Ransom Rogers, publicou uma obra chamada “Novas formas do amor: O casamento e suas alternativas”. Nesta obra é possível encontrar relatos pessoais e significativos de relacionamentos amorosos vividos na década de 1970. É inegável a importância da herança deixada por este autor, que é considerado um dos pioneiros da psicologia humanista, sendo ele o fundador da abordagem centrada na pessoa. Nesta obra podem ser encontradas informações formidáveis para dar contribuições para este subcapítulo, onde o autor retrata claramente a busca de sentido dos indivíduos uns nos outros através de relatos de casos.

Algumas observações de Rogers (1972) tornam-se pertinentes neste momento. Em um dos casos apresentados, o autor retrata a utilização de drogas de um de seus clientes, o qual considerava seu casamento insatisfatório, bem como, considerava-se quase morto. Este cliente de Rogers buscava no LSD e/ou na maconha uma forma de estimular suas experiências sexuais e sensoriais, tornando-as mais potentes, justamente porque os efeitos ilícitos o deixavam mais comunicativo e disposto. Entretanto, como retratado, o prazer acontecia instantaneamente, após o efeito passar, o cliente percebia que a utilização das drogas não tinha grande efeito sobre o casamento, ou seja, o cliente buscava através das drogas uma maneira de preencher o vazio que o casamento gerava nele.

Estes apontamentos acima levam a uma melhor compreensão do que Aquino et. al. (2012) observa em sua pesquisa, onde afirma que essa busca incessante reflete muito mais nos relacionamentos de curto prazo, onde um dos indivíduos não se satisfaz com a relação plenamente e acaba tomando o outro como um objeto de satisfação, buscando nele apenas a vontade de prazer, em outras palavras, a busca do sexo como finalidade. Contudo, não se pode descartar que a insatisfação não

acontece somente em relacionamentos de curto prazo, podendo acontecer também em casamentos de longas datas, como referido nos casos de Rogers (1972).

Para o autor as pessoas estão cada vez mais procurando se aproximar dos seus sentimentos, relacionando-se intimamente com outra pessoa. Essas experiências são expostas por ele como uma maneira do indivíduo encontrar um sentido maior para sua vida, experimentando as reações de seu próprio organismo.

Para Frankl (1987), o amor é visto como um fenômeno que antecede o sexo. O amor não é entendido como um ato decorrente do sexo, mas como uma das formas de expressão daquela experiência amorosa. De outra forma, o sexo é visto por ele como uma forma de expressar o amor. Sendo assim, quando o sexo é intencionado para obter prazer, o ser humano se depara com o desprazer, ou, com o vazio existencial. Rogers (1972) assegura que o valor e o sentido dessas experiências amorosas estão no modo em como os indivíduos se sentem diante a ela.

Pode ser observado diante das explicações dos teóricos Frankl e Rogers, que esse sentimento é visto como propositor de felicidade e do encontro de sentido para a existência de um indivíduo. Entende-se que na análise psicanalítica, o indivíduo o considera-se sexualmente frustrado, diferente da visão analítica comportamental onde indivíduo considera-se sem um reforçador positivo para o seu comportamento. Na visão existencial humanista aqui apresentada, o indivíduo considera-se existencialmente frustrado quando não encontra o amor desejado. Acredita-se que este fato possa desencadear reações patológicas quando o indivíduo procurar incansavelmente por experiências amorosas, que muitas vezes induz o mesmo a ter diversos relacionamentos de curto prazo que lhe causam prazer superficial, e, desprazer existencial.

De fato, pode-se perceber que, grande parte das teorias, e das escolas psicológicas, apresentam uma divergência de ideias sobre o amor decorrentes das diferentes representações sociais da época que elas representam.

4.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UMA PROBLEMÁTICA NECESSÁRIA?

O intuito deste capítulo é traçar alguns tímidos apontamentos dos constructos teóricos propostos por Moscovici acerca das representações sociais, para que leve a uma melhor compreensão do que é esta teoria. Portanto, a partir dos subsídios desse teórico, será possível fechar um circuito de conceitos, para que então se possa discutir sobre o objetivo essencial desta pesquisa, sendo ele, o surgimento e os estigmas construídos acerca das novas representações sociais do amor no transcorrer da história.

4.1.2. O fenômeno das Representações Sociais

As representações sociais individual ou
sociais fazem com que o mundo seja o que
pensamos que ele é ou deve ser.
Mostram-nos que, a todo instante, alguma coisa
ausente se lhe adiciona e alguma coisa
presente se modifica.
(Serge Moscovici)

Destaca-se aqui Serge Moscovici, que segundo Araújo (2008), foi representante da escola psicossocial construtivista francesa e propositor de uma obra importante para a psicologia, a teoria das representações sociais. Para um melhor entendimento desta teoria, considera-se importante a utilização do livro “Representações sociais – Investigações em psicologia social”, de Moscovici, publicada pela primeira vez no Brasil no ano de 2000, com a tradução de Pedrinho A. Guareschi (2015), bem como outros materiais encontrados que tomam como base os escritos de Moscovici.

O livro deste teórico apresenta algumas das afirmações que este pôde fazer sobre as representações sociais, bem como, as principais características dessa teoria na perspectiva da psicologia social. Incluindo também considerações de Durkheim e outros teóricos da psicologia.

Materán (2008) aponta em seu estudo que a teoria das representações sociais é recente no campo psicológico, afirmando que esta proposta teórica é importante e renovadora para a análise do senso comum e da vida cotidiana dos grupos que são estabelecidos na sociedade. Traz ainda que, a teoria das representações sociais auxilia na avaliação de estudos sobre a construção das realidades sociais.

Em sua teoria, Moscovici apresenta as representações sociais como uma criação que é sensível ao meio em que ela rodeia, afirma que as representações nascem a partir de gestos, reuniões e palavras, ou seja, nas atitudes cotidianas dos indivíduos. (MOSCOVICI, 2015).

Manterán (2008) esclarece que as representações sociais acontecem a partir das construções simbólicas dos indivíduos em suas interações com o meio social. Sendo assim, o fenômeno das representações sociais é uma maneira de o indivíduo compreender e comunicar sua realidade. Afirma ainda que, os indivíduos utilizam este fenômeno diariamente, por exemplo, quando são expostos a uma situação desconhecida, estes indivíduos passam a dar sentido àquela situação social, de acordo com sua realidade. “Su finalidad es la de transformar lo desconocido en algo familiar. Este principio de carácter motivacional tiene, en opinión de Moscovici, un carácter universal”. (MANTERÁN, 2008, p.4)

Araújo (2008) contribui ao trazer que as representações sociais acontecem de acordo com a trajetória do determinado grupo que a elaborou, seguindo suas regras, ideias e informações próprias, e ainda sob o reflexo das diferentes relações estabelecidas.

De acordo com Moscovici (2015), o fenômeno das representações sociais é uma forma de criação coletiva, ligado aos processos sociais. Moscovici utiliza o termo “social”, ao invés de “coletivo”, porque considera que os indivíduos se reúnem em grupos sociais onde elaboram informações de acordo com a realidade vivida. Por outro lado, Durkheim afirma que as ações dos indivíduos em grupo, não têm influência no fenômeno social, ou seja, a representação não depende da natureza dos indivíduos, como explicita Araújo (2008).

Um fato importante, que vale ser mencionado, apontado por Oliveira (2004) em seu estudo, é que no início da obra Moscovici oscilava entre reconhecer ou não as ideias de Durkheim sobre o comportamento coletivo. Entretanto, mais à frente, ele afirma que Moscovici rompe com a ideia durkheimiana, ao afirmar que as representações são formadas a partir das estruturas sociais e populares. “O fenômeno das representações está, por isso, ligado aos processos sociais implicados com diferenças na sociedade”. (MOSCOVICI, 2015, p.16). Para Oliveira (2004), há pouca diferença entre os termos “coletivo” de Durkheim e do “social” de Moscovici, porque ambos revelam a extensão do pluralismo das relações humanas e de suas ideias.

Faz-se necessário apontar que, os indivíduos percebem o mundo tal como é, e todas as percepções, conceitos e características são respostas das incitações do ambiente físico ou quase físico em que vivem. Nota-se a partir dos apontamentos de Moscovici que as representações são tudo o que os seres humanos possuem enquanto campo perceptivo e cognitivo, porque são construídos a partir das suas experiências no meio em que vivem. (MOSCOVICI, 2015).

Para este estudioso supracitado, as representações sociais precisam ser vistas como um ato de compressão e de comunicação dos indivíduos sobre alguma coisa. Afirma ainda que, a representação é a imagem ou significação que o indivíduo faz, ou seja, a imagem é igualada a uma ideia e a ideia é igualada a uma imagem. No exemplo por ele citado, a sociedade enxerga o neurótico como um indivíduo patológico, com conflitos parentais e com características definidas. Esta visão acontece porque a sociedade constrói essa figura, atribuindo a ela significados para explicar os comportamentos de determinado indivíduo.

Em sua teoria, Moscovici (2015), retrata que as representações possuem duas funções. Em primeiro, elas ajustam os objetos, pessoas e acontecimentos à realidade de determinado grupo. Em segundo, as representações são explicitamente ordenadas, impondo sobre este grupo uma força que faz os indivíduos pensarem que sua maneira de enxergar uma pessoa, situação ou objeto, é única, e que os outros devem ver com o mesmo caráter.

Neste sentido, Costa e Fernandes (2012) contribuem com seu estudo ao trazer que, as representações do amor para os adolescentes se baseiam no desejo de complementaridade, no sentido de que estes indivíduos buscam compromisso e desejo recíproco. Neste estudo em específico, os indivíduos vêm a representar o amor como um símbolo de satisfação mútua, onde ambos os indivíduos satisfazem as expectativas, exigências e demandas do outro.

Por outro lado, na pesquisa de Souza e Sabini (2015), com mulheres no contexto de violência, o amor é representado através da renúncia. As participantes compreendem esta ação de dispor o seu bem e seus valores em benefício do outro, como um ato de amor. Em outras palavras, por meio do perdão em relação à violência sofrida, estas mulheres compreendiam que estavam possibilitando ao parceiro uma chance para a mudança em seu comportamento agressivo. Esta visão pode ser observada claramente na concepção bíblica, apontada no primeiro capítulo, onde o tolerar e suportar tudo são vistos como um sacrifício imperativo na força do amor.

É importante destacar que nos dois estudos apresentados acima, em contextos diferentes, o amor é representado a partir da experiência vivenciada por cada indivíduo com seus respectivos companheiros e no seu meio social. Estas vivências são o que fundamentam as emoções que estes indivíduos vêm a sentir diante do relacionamento amoroso, bem como, a representação que este vem a ter sobre o amor.

Com estes breves apontamentos torna-se evidente o quanto o meio social influencia nas representações, e neste sentido, o quanto as representações influenciam na maneira de pensar e agir de cada indivíduo, formando diferentes representações a partir da realidade de cada um. Como consequência destas afirmações, torna-se claro que as vivências são particulares, pois cada indivíduo possui uma subjetividade, gerando formas diferenciadas de pensar, expor e representar determinadas situações, de acordo com a realidade do grupo em que este indivíduo vive.

Caminhando para o final deste capítulo, é importante destacar uma consideração de Moscovici (2015), onde o autor afirma que, caso um indivíduo venha a sentir algo que para ele é desconhecido, este busca torna-lo em um sentimento familiar, de acordo com o meio em que está inserido, tornando este sentimento habitual à sua realidade. De acordo com esta teoria, pode-se afirmar que, o que o indivíduo sente e expõe estará sempre de acordo com o meio social, cultural e econômico em que vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amor é algo que sempre viveu dentro de nós,
mas pensamos que para encontrá-lo é preciso de outro.
(Gabriela Perucio, 2016)

Tendo próximo o final deste percurso, é chegada a hora de retomar ao início desse trabalho com um questionamento pertinente, o qual trouxe a pesquisadora para esta pesquisa. Em alguns momentos da vida, todos são questionados sobre o amor, com perguntas como: “O que é o amor?” questionamento este que quase sempre não é possível responder de forma exata e assim objetivou problematizar o surgimento das representações sociais do amor no transcorrer da história da humanidade para dar respostas ao questionamento primordial à pesquisa.

Torna-se evidente que a pesquisa iniciou-se a partir deste questionamento apontado acima, com o intuito de depreender, por meio de um viés histórico, as diferentes representações sociais do amor. Todavia, com o trilhar do percurso, durante as leituras, a pesquisadora deparou-se com diversos discursos, que a fizeram se questionar sobre os diferentes posicionamentos que os indivíduos assumem frente a este sentimento, e como estes comportamentos são influenciados pelo meio em que o indivíduo está inserido.

A partir do estudo do fenômeno das representações sociais acerca do amor, numa perspectiva histórica, pôde-se circunscrever o impasse e a impossibilidade de definir conceitualmente o amor. Em outras palavras, através dessa perspectiva, tornou-se possível encontrar diversos escritos com diferentes interpretações desse sentimento, com os quais foi possível tornar claro o quanto ele é imensurável, justamente porque os indivíduos o vêm de formas características, de acordo com suas vivências e particularidades.

Vale neste momento lembrar que este encontro com a impossível definição do amor é decorrente das singularidades dos indivíduos enquanto seres particulares envoltos por diversos dispositivos de controle social, como a religião. Observa-se desta forma, ser possível circunscrever as diferentes representações do amor, por outro lado, observa-se a impossibilidade em definir e mensurar esse sentimento, porque todos os indivíduos o sentem de formas distintas.

Por meio deste trajeto, nem tão linear e atravessado por diferentes teóricos e teorias em obras que concernem o amor, foi possível seguir um caminho cronológico, por meio de um viés histórico, com o qual foi possível fazer uma costura singular sobre o amor. A partir disto, buscou-se construir uma pesquisa didática, a fim de oferecer um percurso claro sobre as diferentes formas que os indivíduos podem enxergar e representar o amor à luz da ciência psicológica.

Não obstante, é fundamental que enquanto campo científico, o psicólogo fique atento às forças que potencializa, e a forma como movimenta a subjetivação dos indivíduos. Neste sentido, é fundamental que nesta prática profissional, especificamente no tema abordado – o amor – que o psicólogo tenha uma postura neutra, permitindo desta forma que o outro se expresse de forma única, com suas complexidades e particularidades, proporcionando assim um ambiente acolhedor, sem a interferência dos fatores externos e de suas ideologias.

Buscou-se com esta pesquisa compreender as representações sociais do amor num contexto histórico, bem como os determinantes sociais e culturais que permeiam nas relações amorosas apesar das variadas mudanças na conceituação do amor. Observou-se com este percurso pela história, que as experiências dos indivíduos com este sentimento imensurável são permeadas por diferentes vivências, mas sempre em busca de uma complementação, seja de um ideal, ou ainda de uma experiência existida em algum momento da vida.

Desta forma, verifica-se que o ato de amar é representado por elementos sociais, sejam por meio dos valores cristãos, ou por meio de identificações de atitudes e afetos que uns apresentam para com os outros, de forma que venha culminar em um relacionamento amoroso. Todavia, ao tentar concluir esta pesquisa, a pesquisadora deparou-se com um paradoxo em relação ao amor, bem como, em relação à conclusão. Antes e no início da escrita, a pesquisadora apresentava a ânsia, a curiosidade e o contentamento em responder os questionamentos iniciais que levaram a esta pesquisa, os quais diminuía conforme a mesma escrevia.

No entanto, a pesquisadora deparou-se com o retorno desses sentimentos de forma mais intensa, e ainda, com o surgimento de outro sentimento, o de impossibilidade em responder os questionamentos, pois o que cada indivíduo sente é singular, construído através do meio em que ele está inserido. O final do percurso deduzia um fim para a pesquisadora, mas com a impossibilidade em responder os questionamentos, o que antes parecia o fim, retorna como recomeço.

A partir dessa contrariedade em relação aos sentimentos e a não obtenção de respostas, abriu-se a porta para novos caminhos, curiosidades, enigmas e ânsias, abrindo a possibilidade para uma pesquisa mais profunda sobre o tema proposto.

Pôde ser observado que este campo de pesquisa ainda está em processo de expansão. Por esta razão, a pesquisadora sugere que novas pesquisas, de cunho qualitativo, em torno deste tema possam ser realizadas, sendo que, as realizações destas novas pesquisas podem vir a contribuir para o desenvolvimento desse campo, auxiliando profissionais, da saúde e da ciência humanas como, a psicologia, a trabalhar com o amor em suas relações de ajuda, prevenção e promoção da saúde mental.

Enquanto campo científico, esta pesquisa colocou em destaque a dialética que é estabelecida entre os sistemas cognitivos e sociais dos indivíduos, que foi destacado a partir das diferentes representações sociais de conteúdos que concernem o amor, que são construídas através das diferentes vivências dos indivíduos.

Ante às contribuições feitas por diversos autores, em diferentes épocas e linhas de pensamento, foi possível observar as distintas representações do amor no campo psicológico. Tornou-se evidente que na visão psicanalítica, o indivíduo considera-se sexualmente frustrado, diferente da visão analítica comportamental, onde indivíduo considera-se sem um reforçador positivo para o seu comportamento, diferente também da visão existencial humanista, onde indivíduo considera-se existencialmente frustrado quando não encontra o amor desejado.

No campo da ciência psicológica, acredita-se que este fato possa desencadear reações patológicas, quando o indivíduo procura incansavelmente por experiências amorosas, que muitas vezes induz o mesmo a ter diversos relacionamentos de curto prazo, ou, permanecem em relacionamentos durante muito tempo, ou, até que a vida os separe e que lhe causam prazer superficial, e, desprazer existencial, causando-lhes um adoecimento psicológico e por vezes físico.

Para completar, a pesquisadora deixa sua consideração e/ou representação do amor frente à pesquisa, considerando que o amor é algo que sempre viveu e sempre viverá dentro de cada indivíduo, mas que muitos ainda pensam que para encontrá-lo e vivê-lo é preciso de outro. É, portanto, com contentamento frente ao retorno da curiosidade que a pesquisadora abre e fecha esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Rafael Zanata. O homem capaz de Deus: Perspectivas de Viktor Frankl e do catecismo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. v.4, n.5, p.62-70. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>>. Acesso em: 6 Outubro 2016.

AQUINO, Thiago Antônio Avellar de; et al. O amor entre jovens em tempos de ficar: correlatos existenciais e demográficos **Psicologia ciência profissão –SciELO**. v.32, n.1, p.112-125. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 Setembro 2016.

ARAÚJO, Marivânia Conceição de. A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica. **Revista Hospitalidade**. n.8, p. 98-119. 2008. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/viewFile/155/180>>. Acesso em: 18 Outubro 2016.

BAUM, William M. **Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

CARVALHO, Sueli Galedo de. O lugar dos sentimentos na ciência do comportamento e a psicoterapia comportamental. **Editora revistas Mackenzie**. v.1, n.2, p.33-36. 1999. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1148>>. Acesso em: 23 Setembro 2016.

COSTA, Vanuzia; FERNANDES, Sheyla Christine Santos. O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia ciência profissão –SciELO**. v.24, n.2, p.391-401. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200017>. Acesso em: 27 Setembro 2016

- FELDMAN, Roberts S. **Introdução à psicologia**. 10.ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.
- FERNANDES, Elisângela Barboza. **Narcisismo**. 116.F. 2002. Monografia (Bacharel em Psicologia). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – SP, 2002. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~bdsepsi/77a.pdf>>. Acesso em: 11 Outubro 2016.
- FERRARI, Ilka Franco. Acerca do amor e algumas de suas particularidades na psicose. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia – Pepsic**. v.61, n.3, p. 87-95. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 Setembro 2016.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio de língua portuguesa**. 5.ed. Curitiba: positivo, 2010.
- FILHO, Fernando Silva Teixeira. Homofobia e sua relação com as práticas “psi”. **Psicologia e diversidade sexual**. 6.ed. – São Paulo: CRPSP, 2011.
- FRANKL, Viktor E. **Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração**. Porto Alegre, Editora Sulina, 1987; São Leopoldo, Editora Sinodal, 1987.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- GUARESCHI, Pedrinho A. Ideologia. P.78-91. **Psicologia Social e Contemporânea**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.
- MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MATERÁN, Angie. Las representaciones sociales: un referente teórico para la investigación educativa. **Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe**. v.13, n.2, p.243-248. 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36021230010>>. Acesso em: 23 Outubro 2016.
- MOREIRA, Marcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto de. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais – Investigações em psicologia social**. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. Representações sociais e sociedade: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v.19, n.55, p.180-186. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a14v1955>>. Acesso em: 19 Outubro 2016.

PAZ, Beatriz Coelho. **Freud e o amor: do ideal ao impossível – Um diálogo entre psicanálise e Romantismo**. 138.F. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação do CAPES – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=132918>. Acesso em: 27 Setembro 2016.

PRETTO, Zuleica; MAHEIRIE, Kátia; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Um olhar sobre o amor no ocidente. **Psicologia ciência profissão –SciELO**. v.14, n.2, p.395-403. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000200021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 Setembro 2016.

ROGERS, Carl R. **Novas formas de amor: o casamento e suas alternativas**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Olympio, 1972.

SCHLOSSER, Adriano; DALFOVO, Daniel David; DELVAN, Josiane Delvan da Silva. Um estudo sobre o amor: Diálogos entre Sigmund Freud e Erich Fromm. **Psicologia Argumento**. v.30, n.70, p.567-573. 2012. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=6143&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 27 Setembro 2016.

SKINNER, B. F. **O lugar do sentimento na análise do comportamento**. Questões recentes na análise do comportamento. 1991. Tradução: Hélio José Guilhardi e Patrícia Piason Queiroz, 2013.

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo de; SABINI, Kelen. Mas o que é o amor? Representações sociais em mulheres em contexto de violência doméstica. **Perspectiva em Psicologia**. v.19, n.1, p.162-178. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/30542>> Acesso em: 27 Setembro 2016.

SOUZA, Thuany Barbosa de. **Amor Romântico**. 36.F. 2007. Monografia (Bacharel em Psicologia). Centro Universitário de Brasília – UNICEUB, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/handle/123456789/1833>> Acesso em: 17 Setembro 2016

ANEXOS